

MARIA CLARA DRUMMOND

A realidade devia ser proibida



Copyright © 2015 by Maria Clara de Carvalho Drummond

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Daniel Trench

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Thaís Totino Richter

Luciana Baraldi

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem
a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Drummond, Maria Clara

A realidade devia ser proibida / Maria Clara Drummond
— 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2576-0

1. Romance brasileiro i. Título.

15-08376

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura brasileira 869.3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

I

1.

Cheguei em casa e fui lavar o cabelo. EVA, gritou minha mãe por trás da porta, essa escova deveria durar mais três dias. O dinheiro está indo pelo ralo. Não respondi e liguei a música do celular a fim de abafar os protestos. Em outros tempos, se ainda morasse com ela, fecharia os olhos com força, talvez chorasse, e esperaria que a água corrente disolvesse o estresse. Depois dos últimos doze meses, não.

Minha mãe comprava cerca de cinco revistas de moda todo mês. Aprendi inglês lendo reportagens sobre os Kennedy na *Vanity Fair*. Folheava aqueles editoriais clicados pela Annie Leibovitz que nem outros folheavam ilustrações de um livro infantil. Quando era bem pequena, desenhava autorretratos em que eu aparecia de olhos azuis e cabelos loiros e lisos. Durante a adolescência minha mãe me levava a todos os cabeleireiros da cidade para conseguir o alisamento mais perfeito. Nessa época, meu sonho já era poder deixar meus cabelos ruivos com os cachos livres, rebeldes e selvagens, mas era obrigada a prender o cabelo

com elástico bem apertado para não deixar escapar o *frizz*. Eva, você não se penteia. Faz um rabo de cavalo, coloca gel e laquê pra ele ficar comportado. Fazia escova todo fim de semana desde novinha. O cabelo precisa estar domado. Nunca pude ir à praia aos sábados por causa disso.

Maquiagem todos os dias para esconder as sardas, até mesmo para ir à academia. Você nunca sabe quando vai encontrar o homem da sua vida, Eva, pode ser até na banca de jornal. E você fica sempre tão linda quando está produzida. Toda noite a bancada do meu banheiro era supervisionada para certificar-se de que os cremes ~caríssimos, minha filha, caríssimos~, estavam sendo usados. Se você continuar maltratada assim, seu marido vai te largar no primeiro dia. Vai me devolver a filhota. Nutricionista uma vez a cada dois meses, apesar da tímida barriguinha. Eva, você fica tão bonita magra. Cuidado para não engordar. Minha mãe voltava de viagem e trazia sapatilhas francesas e saias até o joelho. Não existe sapato mais pudico que sapatilha e minha mãe decerto sabia disso. Um dia deixei de almejar ser Audrey Hepburn. Um sonho: ser a Kate Moss. Casar com o Camus. Kate Moss e Albert Camus, casados, lindos de *trench coat*, ele fala coisas profundas mas não sei o que ela responde.

Pequenas neuroses que existem desde sempre. Na primeira infância, masturbações abortadas. Minha mãe chegava ao quarto e levantava as cobertas abruptamente para ver onde estava minha mão. Na pré-adolescência, censurava minhas fantasias sexuais, não raro orgiásticas, e substituía por orações. Voltava cedo das festas aos dezesseis anos. Nunca depois das duas da manhã. Minha mãe sempre com o faro atento para detectar qualquer indício de álcool na minha fala. No dia em que perdi a virgindade,

cheguei em casa só ao meio-dia e fui recepcionada com o interrogatório: algum menino te viu nua!? Na minha mesa de cabeceira, pequenas estátuas de santos e anjos, um crucifixo de madeira, terços e rosários de toda espécie, de plástico e abençoados no santuário, ou de pedras preciosas, que um dia usaria, junto ao buquê, no meu casamento. Toda noite tirava tudo aquilo dali e guardava no armário de lençóis no corredor, mas dias depois eles estavam, novamente, reposicionados.

Antes de dormir repassava a série de slides mentais. Diálogos brilhantes tirados de uma peça de teatro, homens com corpos estreitos e muita barba vestidos com camisa jeans e calças justas, restaurantes intimistas, sexo, muito sexo com pessoas interessantes, algo introspectivas e com senso de humor, livros favoritos em comum e alguma loucura (qual?). Acordava com minha mãe entrando no quarto, batendo palmas e acendendo a luz às oito da manhã. Enfim consegui me livrar disso quando minha mãe se mudou para Toulouse, e fui viver na casa do meu pai. Isso só aconteceu aos dezoito anos.

Meu pai se casou com uma mulher rica quando eu ainda era bebê, mas sempre viveram em casas separadas. Enquanto nós moramos num apartamento pequeno abarrotado com seus livros e papéis velhos, sua mulher tem uma casa gigantesca só para ela e a filha do casamento anterior, Stephanie. Resquícios do divórcio milionário com o dono de uma grande construtora. Stephanie ~ama a arte~ porque cresceu com quadros do Vik Muniz nas paredes da sala de estar. Por isso, ela trabalha numa galeria especializada em fotografias cujo prédio foi desenhado por um arquiteto premiado. Stephanie acredita que a arte vai além da obra em si, abrange todo um ~artsy lifestyle~, como ela

gosta de dizer. Outro dia ela foi entrevistada por uma revista de moda e disse que seu grande sonho é ter um Jeff Koons, mas, enquanto isso não acontece, Stephanie inicia sua coleção de telas de Street Art que enfeitam seu quarto — seus próximos planos incluem uma obra de OSGEMEOS. Mas eu gosto dela mesmo assim e somos bem próximas na medida do possível.

Por mais que a rotina na galeria demande tempo, Stephanie consegue toda semana espaço na agenda para fazer drenagem linfática e hidratação no cabelo. A roupa escondida para cada dia de trabalho é pensada em detalhes — normalmente Stephanie tenta criar um diálogo com a exposição em cartaz na galeria, combinando cores e temas. Com o passar dos anos, Stephanie se tornou uma garota loira de cabelos lisos. É difícil conviver com o grupo de amigos da Stephanie, principalmente com Maria Isabel, que também se tornou uma garota loira de cabelos lisos. Se você olha as duas de longe e de costas, não consegue discernir qual é uma e qual é outra.

Maria Isabel percebe o quanto eu as julgo. Aquela mistura de amor e horror diante da blogueira de moda: parece sua Barbie preferida da infância. Quando tínhamos quinze anos, Stephanie disse que seu maior medo era perder sua condição financeira, porque não valia a pena viajar para Paris e não comer no L’Avenue. *Cuddling* de classes: abraçam a empregada negra que dorme no emprego, mas pedem para fazer o lanche às onze da noite. Amiga, vamos pra outro lugar, aqui só tem gente feia. Gente feia = gente pobre, mas negam até a morte. Nunca quis dizer isso, Eva, você está distorcendo o que eu digo.

Mas os detalhes doem. Como no dia em que viajamos para Trancoso, no Réveillon. O grupo de dez meninas fi-

cou hospedado na casa de Stephanie. Logo vi que calculei mal o orçamento: no primeiro dia fomos beber caipirinhas e petiscar à beira da praia, mas sabe-se lá por qual motivo preferi ficar só na água com gás. Mais tarde, essa decisão mostrou-se um erro. Na hora da conta, dividiram tudo por igual: uma fortuna. Quando avisei timidamente que não havia comido nada nem bebido álcool, ouvi um sentou-sorriu-a-conta-dividiu da simpática Maria Isabel, que imediatamente depois sorriu amarelo com seus dentes clareados.

Trancoso é mais caro que Europa esta época do ano, Maria Isabel avisou, é melhor ir se preparando para gastar pelo menos... A única solução foi passar o resto dos dias sozinha, num canto afastado da praia, longe dos *lounges* que cobravam fortunas pelas cadeiras, bebendo água com gás e comendo batatas fritas, me martirizando por ter aceitado a viagem, por não ter pensado nos detalhes com antecedência, por ter sido e ser sempre tão boba. Trouxe na mala alguns desses livros que amaciam o ego se finalizados ou instagamados, mas acabei lendo a coleção de *Vanity Fair* que fica sob a mesa de centro da sala. Toda manhã, antes de me vestir para sair, olhava no espelho com estranheza: esta sou eu. Branca, pele de leite, pernas finas demais, cabelos indisciplinados, olhos tão pequenos que mal dá para ver o tom castanho da íris, nariz grande ou é só impressão?, não sei dizer. Nas fotos do celular de Maria Isabel eu sempre aparecia triste e estranha ao lado de meninas bronzeadas, saradas, sorrisos cheios de *gloss*, todas de vestido branco solto cheio de furinho e eu ali de tubinho azul-marinho na festa de Réveillon.

Na noite da virada obriguei-me a sair de casa. Durante a festa, Stephanie me apresentou a todo mundo que conhecia. A cicerone mais bem-intencionada do universo, decla-

rou Maria Isabel. O esforço para me enturmar foi tanto que durante parte da noite Stephanie não saiu do meu lado, fazendo companhia e procurando assuntos amenos. Não adiantou muito. Passei o resto do tempo fumando na varanda, encostada numa pilastra, observando aquela gente toda. Um dia vou escrever um livro sobre essas pessoas. No fim da noite, conheci um cara. Era razoavelmente gato, parecia engraçado e gostava de cozinar. Acabamos trocando uns beijos, mas não conseguimos conversar o suficiente para que formasse alguma opinião mais consistente a seu respeito. Assim que cheguei a São Paulo, recebi uma mensagem do rapaz. Em menos de cinco minutos de conversa ele me manda uma foto de seu novo ~brinquedo~: um Mini-Cooper verde-musgo. Obviamente não respondi mais suas mensagens e o bloqueei no aplicativo.

2.

Fica pronta em meia hora. Estou chegando aí pra te buscar pra uma festa. Manoel nem se deu ao trabalho de dar mais informações. Mandei uma gravação de áudio dizendo que precisava adiantar as leituras da minha monografia sobre *Os sofrimentos do jovem Werther*. Amiga, você só larga de ser Werther através da práxis, tá? Faz um cursinho intensivo comigo e tua monografia vai ser sobre Anaïs Nin, muito mais divertido que essa tua pira romântica & datada.

Era impossível alisar o cabelo direito em meia hora. Ainda estava de pijamão quando a campainha tocou. Presente, disse ele assim que abri a porta, me entregando uma pilha de livros da Anaïs Nin e do Henry Miller. Teu dever de casa é ler tudo isso até o fim do semestre. Vou te pedir resenha e trabalho de campo. Te prepara. Em seguida, Manoel se dirigiu diretamente para o closet para separar alguma roupa. Ele maquiou meus olhos com lápis e sombra bem escura, escolheu o sapato mais alto da prateleira e cortou uma camiseta preta ao meio que, junto com a calça jeans

de cintura alta, deixava as costelas do estômago à mostra. Xuxu, eu te amo, mas esse cabelo está horrível. Mesmo longe da sua mãe você ainda segue as diretrizes capilares dela?! Molha de novo e deixa secar naturalmente enquanto eu preparamos o beck e nossas vodcas tônicas na cozinha, *please*.

Três horas depois, chegamos ao antigo prédio ocupado pelos sem-teto onde seria a festa de música eletrônica. Na fila, Manoel me apresentou ao seu grupo de amigos da faculdade de artes plásticas, mas logo se reuniu com sua turma numa rodinha a poucos metros de distância de mim, me deixando sozinha. Um dos meninos perguntou alto: ela não vai querer MD, não?, e então Manoel me chamou para perto e sussurrou: isto daqui é melhor que terapia reichiana, você vai arrasar. E me deu um abraço e um beijo na testa.

A pista de dança tinha parede podre e algumas pessoas nuas cobertas de *glitter*. Enquanto dançávamos num grupo de oito garotos, Manoel aproveitou para ajeitar meu cabelo, moldando a juba farta e descontrolada que circundava minha cabeça. Deixa solto, menina, selvagem, leonino. Fica outra coisa assim, sexy. Sua mãe iria morrer se te visse. Então olhou nos meus olhos, pegou na minha cintura, me puxou para perto e elogiou a barriga de fora. Em seguida, encostou suavemente seus lábios nos meus para passar um pouco mais do MD que tinha acabado de tomar, mas depois virou a cabeça para beijar intensamente um dos rapazes do grupo. Outro aproveitou minha cintura livre para me entrelaçar num passo de dança. Manoel veio por trás para beijar este também. Sorriu para mim, que retribuí confiante. Nos abraçamos apertado por um bom tempo. Ele então pegou na minha mão e disse: vamos pegar uma bebida.

No bar, outro homem me abordou de uma forma dife-

rente dos demais. Não era amigo do Manoel. Era hétero. Não veio pegando na minha cintura, mas sim tentando falar comigo pousando a mão suavemente no meu ombro. O nome dela é Eva e ela é inteligentíssima, disse Manoel. Ele sorriu: tinha um bom sorriso. Usava barba castanha. Enquanto conversávamos, percebi que ele era da minha altura, mas então me lembrei que estava com sapatos de salto. Ele me disse o nome dele, mas não ouvi e não perguntei de novo. Com o que você trabalha, ele perguntou polidamente com olhos de cachorro perdido. Eu faço estágio numa pequena produtora de cinema, na verdade eu escrevo roteiro para algumas webséries. Nesse momento, ele ganhou uma autoconfiança até então inédita, se posicionou bem na minha frente, aproximou-se até ficar a um palmo do meu rosto, olhou nos meus olhos, sorriu e disse: eu também trabalho com cinema, e também escrevo roteiros. Ainda com um leve desinteresse, perguntei: que legal, o que você faz? E então ele me contou sobre os filmes que tinha escrito. O último havia sido selecionado para o Festival de Cannes.

De repente eu estava numa sala escura, suja e vazia agarrada com força naquele corpo, com meu joelho e coxa pressionando o vâo entre suas pernas. Desculpa. Eu esqueci o seu nome.

Davi.

Olhei para ele espantada, como se aquela resposta já significasse alguma coisa que poderia se tornar muito interessante. Suas feições e olhar perderam o aspecto canino e passivo para ganhar uma dimensão densa e algo intimidadora, mas antes que eu pudesse racionalizar essa impressão, seu rosto veio na direção da minha boca e me obrigou a fechar as pálpebras novamente e abafar qualquer palavra possível, enquanto acariciava meus peitos sem sutão por bai-

xo da blusa. Ficamos dessa forma por tempo indeterminado, e só fomos obrigados a mudar de posição quando Manoel veio avisar que estava indo embora. Não eram nem quatro da manhã. Acho que eu vou aproveitar sua carona e voltar com você, Manuca. Eis que Manoel sorri, coloca a mão na cintura, solta uma risada e diz: Ora. Eu enchi essa menina de MD. Vão foder, né? E vira as costas e vai embora.

Já a caminho de casa, Davi aproveitou o semáforo fechado para me beijar e tirar minha blusa. Cada carro que passava ao lado ou na direção contrária iluminava meus peitos à mostra de vermelho ou branco, de acordo com as luzes dos faróis. A alta velocidade e o vento frio violento que chegavam até mim através das janelas completamente abertas faziam meu cabelo não sair da frente do meu rosto e os pelos do meu braço permanecerem arrepiados. No segundo semáforo, aproveitei para tirar meu jeans e a calcinha. No terceiro e quarto semáforo ele abriu o zíper e eu fiz um rápido boquete, chegando a engasgar numa das vezes e continuando o procedimento mesmo com o carro em movimento, até eu ser obrigada a me levantar por causa de um leve susto durante uma fechada num cruzamento. Até chegar à minha casa, eu já estava completamente nua e tive que me vestir de novo para sair do carro enquanto procurávamos vaga.

Davi perguntou se eu morava sozinha; respondi que meu pai passava mais tempo na casa da minha madrasta. Ele passou os olhos pelas estantes da sala e parou na frente dos livros novos. Então você é especialista em Anaïs Nin e Henry Miller?, perguntou enquanto analisava um dos exemplares. *I wish*. Ganhei esses livros de um amigo hoje mesmo, mas só vou ler depois que entregar a monografia. Davi me olhou de cima dos degraus de madeira onde

ficava a sala de jantar, em um plano um pouco superior ao resto do cômodo. Eu li alguma coisa do Henry Miller, mas gosto mesmo do Bataille. Eu devolvi os livros, deixados por ele na mesa de centro, para a estante, e lancei um olhar desconfiado. Um pouco *épater la bourgeoisie*, não?

Existe qualquer coisa de facilmente sedutora em ter uma conversa sobre literatura, assim, de primeira, com um completo estranho. É como ganhar na loteria, e na hora não importa que o prêmio talvez seja bem mixuruca, podendo até ser equiparado àqueles brindes de ações promocionais. É sempre uma alegria burguesa, *anyway*, estar em contato com ~a cultura~. Qualquer outro autor que ele tivesse citado teria o mesmo efeito sobre mim, gostando eu ou não dos livros mencionados, contanto que estivesse em determinado panteão privilegiado para que eu julgassem aquele rapaz da pista de dança um ~ser humano diferente dos demais~, dotado de uma aura especial, própria do *dropping names*, que conquista as almas mais impressionáveis.

Não gosta?, ele perguntou abrindo a calça. Eu dei uma risada, olha, não é questão exatamente de gosto, mas agora estou ressabiada de estar trancada em casa, seminua, com um fã de Bataille. Ele me pressionou contra a parede e apertou meu braço, e senti sua força em mim, de modo que por um minuto tive medo e pensei que talvez pudesse estar certa. Mas não era nada; e o medo passou. Não se preocupe que eu não sou nada violento na cama, no máximo uns tapinhas. Consensuais, sempre. Mas acho boboca você ter esse tipo de preconceito. A beleza da arte é poder ver algo interessante e bonito em coisas muito diferentes umas das outras. Ele disse isso sussurrando no meu ouvido ao mesmo tempo que me masturbava. No início, achei bizarro esse discurso no meio da masturbação, mas depois comecei a curtir e cheguei a perder o controle dos joelhos.

Ao longo da noite e da manhã seguinte, gastamos todas as camisinhas da gaveta do banheiro. Durante todo o tempo, ele me contava das suas experiências de filmagem, das passagens pelos festivais internacionais e dos filmes e livros que ele mais havia gostado, sempre com uma mini-interpretação levemente pedante, tudo isso misturado a algumas putarias e fantasias sexuais que ele gostava de narrar. Basicamente, ele não parava de falar. Mais de uma vez ele usou a palavra “putinha” para se referir a mim: o tom era de certa forma carinhoso, mas mesmo se tivesse sido de uma maneira mais *dirty* eu também teria gostado. Em dado momento, ele diz que acha que está apaixonado por mim, e que quer me levar para jantar naquela semana. Mas o que me fez considerar aquela a melhor noite de sexo da minha vida foi a droga, que fazia o toque do corpo alheio especialmente prazeroso, e não a declaração, que julguei como uma possível mentira, ou ao menos dessas coisas que tantas vezes já me falaram, no calor do momento, sem pensar nas consequências.

Assim que ele saiu de minha casa, encomendei todos os livros e filmes que ele havia mencionado.